

O Método Dialético em Marx

Felipe Gusmão Carvalho Andrade*

O conhecimento da realidade produzido pelo método dialético é igualmente inseparável da perspectiva de classe do proletariado -
Georg Lukács, História e Consciência de Classe.

Introdução

Marx não deixou nenhuma obra sistematizada ou algum manuscrito sobre o método dialético. Por conta disso, há uma dificuldade na discussão sobre a dialética nesse autor sem que outros autores sejam utilizados para fundamentar tal discussão no pensamento dele, tais como a abordagem sobre a dialética em Hegel, Engels, Lênin, entre outros. Contudo, o nosso foco não será discutir a história da dialética, muito menos criticar outras abordagens que buscaram desenvolver a dialética marxista deformando-a.

A preocupação fundamental aqui será realizar uma reconstituição da dialética marxista, o que pressupõe fazer referência a Karl Marx. A obra de Marx é fundamental, porque ele é o pioneiro a desenvolver essa reflexão. Utilizaremos os seus próprios escritos, em que existem indicações ou discussões pormenorizadas sobre a dialética, sem deixar de lado outros autores que também contribuíram com o desenvolvimento da dialética marxista (KORSCH, 2008; LUKÁCS, 2012; VIANA, 2007a; VIANA, 2007b).

No entanto, antes de apresentarmos uma discussão sobre a dialética marxista, faz-se necessário expormos os elementos em Marx que fornecem a base do método, pois o pensamento dele é uma unidade que forma uma totalidade. Assim, elementos no pensamento de Marx como a sua concepção de realidade e a teoria da consciência estão contidos em seu materialismo histórico, o que, por sua vez, fornece a base teórica do método. Logo depois, discutiremos a questão da perspectiva de classe e, em seguida, o método dialético e suas características, como o significado de recurso heurístico e o processo de abstração.

Em último lugar, traremos uma breve discussão sobre o significado dos conceitos para o marxismo e de algumas categorias da dialética materialista. Para tanto, retomaremos outros autores, nos quais conseguiram aprofundar aspectos do pensamento de Marx ou retomar elementos esquecidos do método dialético. Assim, nosso “fio condutor” será explicar o método dialético como expressão metodológica da teoria revolucionária do proletariado, em unidade com o materialismo histórico e com a perspectiva do proletariado (VIANA, 2017).

* Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura) e mestrando em sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

Materialismo Histórico

Em primeiro lugar, deve-se dizer que Marx nunca dedicou nenhuma obra para discutir a sua teoria materialista da história. Assim, para compreendermos as suas teses é necessário estudar várias obras em que a concepção é desenvolvida, tais como *A Ideologia Alemã* (2007), *Manifesto do Partido Comunista* (1999), *prefácio da Contribuição à Crítica da Economia Política* (2011), etc. Entretanto, nos estudos de Viana (2017) sobre o materialismo histórico, o autor coloca que a obra *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (2013) representou o manifesto inaugural do materialismo histórico, pois apresenta uma discussão sobre a relação entre trabalhadores e não-trabalhadores, proletários e capitalistas, ou seja, a percepção da luta de classes, ainda sob resquícios de uma linguagem filosófica, falta de aprofundamento nas relações concretas etc. Anos depois, na obra *A Ideologia Alemã* (2007), Marx e Engels apresentaram uma teoria da história da humanidade que é expressa a partir de uma realidade concreta, esboçando conceitos novos que serão aprofundados ou esboçando outros ainda incipientes (VIANA, 2017). Portanto, a obra *A Ideologia Alemã* será o nosso ponto de partida para discutir o materialismo histórico, mas não deixaremos de lado obras posteriores.

Além disso, devemos lembrar que Marx nunca utilizou a expressão materialismo histórico, mas como a sua concepção é materialista, não há problema em chamar a sua teoria da história como materialista (BRAGA, 2012; MAIA, 2015; VIANA, 2007a). Em segundo lugar, o materialismo histórico possui diversos elementos que possibilitam sistematizar uma teoria da história, uma teoria da sociedade, uma teoria da consciência e uma teoria da realidade em Marx. Esses serão os elementos que discutiremos daqui em diante.

O primeiro elemento que Marx desenvolve sobre o materialismo histórico é a unidade entre ser e consciência¹. Assim, diz-nos Marx que “a consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real” (MARX & ENGELS, 2007, p. 19). Portanto, Marx e Engels realizam o inverso que faziam os idealistas alemães, principalmente os neohegelianos, os quais davam primazia às ideias em detrimento do ser social. A teoria da consciência neles pressupõe que é a vida que determina a consciência: “Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (MARX & ENGELS, 2007, p. 20). A partir disso, o primeiro pressuposto para analisar a história é mostrar

¹ Korsch também destaca essa unidade entre ser social e consciência no seu ensaio “Marxismo e Filosofia”. Ele coloca que “a coincidência entre a consciência e o real caracteriza toda dialética e, também, a dialética materialista marxista” (KORSCH, 2008, p. 57). Além disso, ele demonstra essa unidade quando busca aplicar a dialética materialista à história do marxismo, cuja aplicação é similar ao que foi realizado por Lukács (2012) nos ensaios do seu livro *História e Consciência de Classe*.

a existência dos seres humanos reais, o que significa que os seres humanos vivem e devem produzir os meios básicos para satisfazer as suas necessidades vitais, como dormir, beber, comer etc. Logo depois, é preciso observar os meios em que os seres humanos produzem e reproduzem as suas condições materiais de existência.

Assim, os seres humanos produzem e reproduzem suas condições de existência através do trabalho. Este é uma condição necessária em que os indivíduos buscam satisfazer suas necessidades vitais, uma relação de metabolismo entre o ser humano e a natureza, presente em todas as formas sociais comuns de sociedade (MARX, 1988). Assim, o trabalho é uma característica particularmente humana e se realiza socialmente em comum com outros indivíduos através da cooperação. A questão seria compreender como se realiza tal trabalho em determinadas condições materiais. Por conseguinte, o conceito de modo de produção nos explica como ocorre historicamente essa condição de produção e reprodução da existência material. O modo de produção seria constituído pelas forças produtivas (força de trabalho, meios de produção e meios de distribuição) e pelas relações de produção que consistem nas relações estabelecidas entre os indivíduos no trabalho de produção e distribuição dos bens produzidos (BRAGA, 2012).

Em conjunto com o modo de produção existe a chamada “superestrutura” (MARX, 2011) ou formas de regularização social (VIANA, 2007a). Assim, cada modo de produção possui formas específicas de regularização social (formas sociais), constituído pela cultura, estado, ideologias etc. Ao conjunto dos modos de produção e formas sociais, Marx denomina de *sociedade* (MAIA, 2015). Portanto, a teoria da sociedade em Marx pode ser resumida como o conjunto do modo de produção (relações de produção + forças produtivas) que condiciona (ou determina, corresponde) a uma determinada forma de regularização social ou forma social (cultura, estado, ideologias etc.). A síntese (“fio condutor”) que Marx chegou em sua pesquisa acerca da relação entre o modo de produção e a “superestrutura”, ou seja, a sua teoria da sociedade, foi exposta no *prefácio da Contribuição à Crítica da Economia Política*:

Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2011, p. 5-6).

Na medida em que há transformação nos modos de produção, relaciona-se outro elemento fundamental que é a *luta de classes*. Por conseguinte, a luta de classes (motor da história) seria a determinação fundamental das sociedades de classes, o que explica as mudanças históricas desta. Logo no começo do *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels colocam que “a história de toda sociedade até hoje é a história de lutas de classes” (MARX & ENGELS, 1999, p. 66)². Por conseguinte, Marx afirma que a história na Europa Ocidental teve como tendência o desenvolvimento dos seguintes modos de produção, a saber: “os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno podem ser qualificados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade.” (MARX, 2011, p. 6).

Portanto, a teoria da história em Marx possui quatro conceitos fundamentais: *ser social*, *modo de produção*, *formas sociais* e *luta de classes*. Além disso, a relação entre o modo de produção e as formas sociais é de uma determinação da primeira sobre a segunda. Isto é, o modo de produção influencia, condiciona ou determina as formas sociais (MAIA, 2015).

Além disso, dentro da concepção marxista, o que podemos entender por realidade? A realidade, segundo Marx (2011), é o concreto, “síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade” (MARX, 2011, p. 248). Assim, a realidade dentro de uma concepção marxista é uma totalidade concreta, que é histórica, possui múltiplas determinações e existe efetivamente.

Perspectiva do Proletariado

Nos prefácios do primeiro volume da obra *O Capital*, Marx destaca que a sua perspectiva é “em sua essência, crítica e revolucionária” (MARX, 1988, p. 27). Não apenas isso, ele também destaca que a sua crítica, diferentemente dos economistas burgueses de sua época, “representa, além disso, uma classe, ela só pode representar a classe cuja missão histórica é a derrubada do modo de produção capitalista e a abolição final das classes – o proletariado” (MARX, 1988, p. 24). Assim, outro elemento fundamental que está presente no pensamento de Marx, tanto em sua teoria da história, como em seu método dialético, é a sua perspectiva revolucionária. Esta posição é destacada por Lukács (2012) ao dizer que a essência da dialética

² Engels acrescenta em uma nota de rodapé que essa passagem do *Manifesto Comunista* foi revisada e, portanto, as classes sociais estão presentes apenas através da existência da história escrita (MARX & ENGELS, 1999).

materialista é o seu caráter revolucionário, como também quando coloca que ela é inseparável da perspectiva do proletariado³.

Outro autor que desenvolve esse aspecto do método dialético é Karl Korsch. Ele retoma em seus ensaios “A Dialética Materialista” e “A Dialética de Marx”, o caráter revolucionário da dialética materialista. Diz-nos Korsch (2008) que a dialética materialista é expressão teórica da luta revolucionária do proletariado⁴, como também é um fundamento metodológico indispensável do marxismo. Além disso, ela só pode ser aplicada na práxis revolucionária do proletariado, sendo assim também indissociável a uma teoria da revolução (KORSCH, 2008). Portanto, a dialética em Marx representa uma crítica às ciências burguesas, como, por exemplo, ao aspecto da “neutralidade”.

Por conseguinte, a distinção entre ciência burguesa e marxismo está em que a primeira, em forma de ideologia, expressa a perspectiva de uma classe (burguesia), e a segunda, em forma de teoria, expressa outra perspectiva de classe (proletariado). Em uma passagem da obra *Miséria da Filosofia*, Marx (2009) deixa claro a distinção entre a perspectiva de classe dos economistas burgueses e dos comunistas: “assim como os *economistas* são os representantes científicos da classe burguesa, os *socialistas* e os *comunistas* são os teóricos da classe proletária” (MARX, 2009, p. 141, *grifos do autor*).

Além disso, Viana (2007b) coloca que Marx não propôs fundar uma “ciência” no sentido burguês, pois as suas obras teóricas são uma crítica da “ciência”, especialmente *O Capital* que é uma crítica da economia política. Além disso, Marx não fez problemáticas científicas, dado que o seu interesse não era “neutro” e por isso a sua perspectiva de classe era explícita, bem como o destaque em suas obras à luta de classes. Na obra de Marx encontramos o “aspecto científico” e o “aspecto utópico”, a crítica da economia política e o vislumbre de uma transformação radical da sociedade que seria o comunismo. Portanto, a perspectiva de Marx é revolucionária, deve ser compreendida nestes termos, e qualquer análise de seu

³ O ser de classe do proletariado pode ser explicado da seguinte maneira: “O proletariado pode ser compreendido como uma classe social que emerge no capitalismo e que se caracteriza por ser a classe produtora de mais-valor (MARX, 1988; VIANA, 2008). O proletariado só existe através da relação-capital, ou seja, sua relação com a classe capitalista. A relação-capital é produção (proletariado) e apropriação (burguesia) do mais-valor produzido. Essas são as relações de produção capitalistas e que formam as duas classes sociais fundamentais da sociedade burguesa” (VIANA, 2014, p. 24).

⁴ Quando dizemos “luta revolucionária do proletariado”, estamos nos referindo ao momento específico da luta de classes em que o conjunto do proletariado (a classe) se torna autodeterminado. Portanto, o marxismo é expressão do “proletariado como classe para-si, autodeterminada, [quando] rompe com o capital e passa a autogerir suas lutas no sentido da abolição do capitalismo. Nesse processo, ele cria sua associação, sua auto-organização de classe, para defender seus interesses de classe revolucionária” (VIANA, 2014, p. 27).

pensamento não pode estar desvinculada da sua preocupação fundamental com o projeto comunista.

Método Dialético

Após toda a trajetória que seguimos, ao discutirmos o materialismo histórico e a perspectiva de classe no pensamento de Marx, podemos, por fim, explicar o que é o método dialético. Em primeiro lugar, deveríamos nos perguntar sobre o que é método. Viana (2017) coloca que o método é

Uma elaboração mental que objetiva servir de suporte para a análise da realidade, seja assumindo a forma de um modelo (como o positivismo clássico e seus herdeiros posteriores, o funcionalismo, estruturalismo, fenomenologia, etc.) ou como um recurso heurístico (o método dialético de Marx). Um método, no entanto, possui como base uma teoria da consciência e da realidade e por isso não pode ser destacado e compreendido de forma isolada, excluindo tais teorias (VIANA, 2017, p. 175).

Portanto, o método é um modo de explanação da realidade, um conjunto de ferramentas que indicam um caminho para se fazer uma análise da realidade. Por conseguinte, o modo de explanação possui uma base teórica (teoria da consciência e da realidade) e uma base metodológica (ferramenta intelectual) as quais possibilitam desenvolver uma análise da realidade. Isto é, dentro de um modo de explicar ou analisar a realidade, dois elementos são indissociáveis: a teoria e o método. Por sua vez, a teoria já foi explicitada anteriormente (materialismo histórico), e resta a nós desvendarmos o que entendemos por método dialético.

Utilizando a contribuição de Korsch (2008), em seu ensaio “A Concepção Materialista da História”, poderíamos de início colocar que a dialética seria um “fio condutor” de que Marx se serviu nas suas investigações sociais, a fim de demonstrar teoricamente que o seu método era correto, aplicando-o no estudo da economia política. Portanto, a obra *O Capital* seria a demonstração da aplicação do método dialético de Marx.

Se em *O Capital*, Marx discute o método dialético, podemos retomar em seu *Prefácio* uma indicação do que ele compreende por dialética. Logo de início, Marx diz-nos que o método dialético é diferente do método aplicado nas ciências naturais, sendo que o primeiro utilizaria a “faculdade de abstrair”. “Na análise das formas econômicas não podem servir nem o microscópio nem reagentes químicos. A faculdade de abstrair deve substituir ambos” (MARX, 1988, p. 18). Portanto, uma das características do método dialético é utilizar o procedimento da abstração. Como utilizar tal procedimento?

No texto “Método da Economia Política” (segundo capítulo do livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*), Marx (2011) nos explica como realiza o procedimento da abstração dialética.

Parece que o melhor método será começar pelo real e pelo concreto, que são a condição prévia e efetiva; assim, em economia política, por exemplo, começar-se-ia pela população que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo. No entanto, numa observação atenta, apercebemo-nos de que há aqui um erro. A população é uma abstração se desprezarmos, por exemplo, as classes de que se compõe. Por seu lado, essas classes são uma palavra oca se ignorarmos os elementos em que repousam, por exemplo o trabalho assalariado, o capital, etc. Estes supõem a troca, a divisão do trabalho, os preços etc. O capital, por exemplo, sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço, etc., não é nada. Assim, se começássemos pela população teríamos uma visão caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado passaríamos a abstrações cada vez mais delicadas até atingirmos as determinações mais simples. Partindo daqui, seria necessário caminhar em sentido contrário até chegar finalmente de novo à população, que não seria, desta vez, a representação caótica de um todo, mas uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas. A primeira via foi a que, historicamente, a economia política adotou ao seu nascimento. Os economistas do século XVII, por exemplo, começam sempre por uma totalidade viva: população, Nação, Estado, diversos Estados; mas acabam sempre por formular, através da análise, algumas relações gerais abstratas determinantes, tais como a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor, etc. A partir do momento em que esses fatores isolados foram mais ou menos fixados e teoricamente formulados, surgiram sistemas econômicos que, partindo de noções simples tais como o trabalho, a divisão do trabalho, a necessidade, o valor de troca, se elevavam até o Estado, as trocas internacionais e o mercado mundial. Este segundo método é evidentemente o método científico correto (MARX, 2011, p. 247-248).

Segundo essa passagem em que Marx revela o seu método, devemos começar o processo de análise pelo real e pelo concreto (concreto-dado). No caso da economia política clássica, a análise pressupõe como condição começar a partir da população. O problema é que em seguida, os economistas ignoram as relações mais simples, categorias mais simples como o trabalho assalariado, capital, divisão do trabalho, preços, classes etc. Por isso, Marx adverte que no início da análise (concreto-dado), a população ainda é um todo caótico. No entanto, logo depois do processo de abstração, a análise deve chegar às determinações mais simples, através de abstrações que cheguem aos conceitos mais simples (concreto-pensado). Logo depois, quando efetivada a análise, volta-se ao início (a população) e dessa vez não será mais um todo caótico, e sim uma rica totalidade de determinações de relações numerosas, o concreto-pensado (MARX, 2011).

Diz-nos Marx que os economistas do século XVII começaram sempre por uma totalidade viva, como a população, nação, estado etc., e logo depois ficam em conceitos gerais e abstratos. Contudo, a partir do momento em que começarem a formular teoricamente sistemas econômicos “mais ou menos fixados e teoricamente formulados”, ou seja, a economia política posterior ao seu nascimento, este seria o método correto, que para Marx é o concreto, como “síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade” (MARX, 2011, p. 248). Assim, o processo do pensamento é síntese e resultado, ponto de partida e ponto de chegada da análise. Começa-se pela observação imediata⁵, o concreto-dado, e no processo de abstração da realidade que é um concreto-determinado, o pensamento deve reconstituir o concreto em suas múltiplas determinações, descobrindo a sua determinação fundamental, o que é o concreto-pensado ou “concreto espiritual” (MARX, 2011).

Portanto, o método dialético, utilizando do processo de abstração, seria um recurso heurístico, um guia de pesquisa que o pesquisador utiliza para compreender a determinação fundamental de um fenômeno (VIANA, 2007b; KORSCH, 2008). Logo, por ser um recurso heurístico o método dialético não é um modelo que pode ser encaixado na realidade, tal como o positivismo, e sim deve ter como referência a realidade que é uma totalidade, concreta e histórica. Assim, pode-se dizer que é a realidade que determina o método, e não o método que determina a realidade. Em síntese, o objetivo do método dialético é:

Reconstituir o real, descobrindo sua determinação fundamental (...). A determinação fundamental é a essência do fenômeno. Porém, a essência assume diversas formas de manifestação, o que gera inúmeras outras determinações, e ao descobrir a determinação fundamental, a essência, passo fundamental e necessário, se pode partir para descobrir as demais determinações e chegar até a existência, ou seja, o concreto. Desta forma reconstitui o concreto no pensamento, percebendo a existência como manifestação concreta da essência. Observar o que existe sem perceber sua determinação fundamental, sua essência, bem como suas múltiplas determinações, é o mesmo que ficar no nível da aparência (VIANA, 2017, p. 196).

Nessa passagem, ficam em destaque algumas das principais categorias do método dialético que são a essência, existência e aparência. Viana (2017) coloca que a existência é o concreto, o que existe efetivamente e pode ser reconstituído em suas múltiplas determinações

⁵ “Marx retoma a distinção hegeliana entre “representação” e “conceito” e nesse processo pode dizer que o ponto de partida natural de qualquer pesquisa ou análise é a representação, ou seja, a observação imediata. Isso significa dizer que todos partem da intuição, da observação imediata, da representação do fenômeno e não tem como ser diferente, pois só se alguém nascesse com o saber pronto é que poderia estar além da observação imediata e da representação” (VIANA, 2017, p. 184).

através de uma análise que visa descobri-las. A descoberta possibilita formular conceitos que expressam essas determinações e a análise deve ser realizada pela abstração dialética, no qual busca compreender o processo de constituição de um determinado fenômeno, o que, por sua vez, é a sua essência, sua determinação fundamental. Além disso, ainda faltam alguns elementos que compõem o método dialético, como algumas das outras categorias principais do método dialético e os conceitos que lhe acompanham. Discutiremos eles a seguir.

Conceitos e Categorias da Dialética Marxista

Segundo Viana (2007a), os conceitos são expressões da realidade. É a realidade que constringe os indivíduos a formularem conceitos que expressam sua determinada perspectiva de classe, valores, interesses, sentimentos etc. Além disso, os conceitos possuem uma historicidade, devido a historicidade das sociedades humanas. Tal discussão está presente em Marx, quando ele coloca que “as categorias econômicas são expressões teóricas, abstrações das relações sociais da produção” (MARX, 2009, p. 125). Ou seja, os conceitos (categorias) são expressões da realidade, bem como são “produtos históricos e transitórios” (MARX, 2009), expressando uma determinada realidade social.

Por isso, no método dialético temos vários conceitos que foram desenvolvidos na pesquisa de Marx sobre o modo de produção capitalista, tais como mais-valor, força de trabalho, capital constante, capital variável etc., os quais são singulares, específicos da sociedade capitalista. Outros conceitos desenvolvidos por Marx, por exemplo aqueles que estão presentes em sua teoria da sociedade, como modo de produção, sociedade, cultura são conceitos universais, pois estão presentes em qualquer sociedade humana.

Além dos conceitos, há também as categorias que não são conceitos. Segundo Viana (2007a):

As categorias são instrumentos heurísticos usados pela consciência para facilitar o processo de seu desenvolvimento, tais como as categorias de totalidade, abstrato, concreto etc. (...). São recursos utilizados para pensar a realidade e neste processo podem ser reformuladas para ganhar a flexibilidade da realidade e, assim, transportá-la ao pensamento. Entretanto, as categorias só existem como processos da consciência e não como realidade e, portanto, não existe categoria que esteja ligada a um ser concreto existente (VIANA, 2007a, p. 119).

No caso das categorias do método dialético, poderíamos também listar várias, a saber: totalidade, concreto, abstrato, historicidade, determinação fundamental, contradição etc. Assim, a dialética em Marx teve como inspiração formal o filósofo alemão Hegel, o qual possibilitou

o desenvolvimento das diversas categorias da dialética que enriquecem o método e possibilitam uma explicação mais ampla da realidade, a fim de chegar a uma consciência correta da mesma. Portanto, apenas retomaremos algumas categorias que já foram discutidas implicitamente ao longo do texto, mas que não nos detemos com maior profundidade. Por sua vez, discutiremos apenas algumas categorias da dialética e não todas elas.

Assim, duas das categorias presentes na dialética marxista são a abstração/abstrato e a concreção/concreto. Quando no processo de análise, Marx coloca que ele utiliza o procedimento da abstração, ele inicia tal procedimento a partir do concreto-dado (ponto de partida), para depois chegar ao concreto-pensado (ponto de chegada). Nessa mediação, a realidade existe efetivamente e é um concreto-determinado. Por isso, a abstração se configura como um procedimento (“faculdade de abstrair”) e uma categoria da dialética, e o abstrato, outra categoria, seria o momento inicial da análise. Em um capítulo do livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*, denominado *O Método da Economia Política*, Marx (2011) coloca que “a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco” (MARX, 2011, p. 254). Isso significa que a compreensão do mais complexo precede a do mais simples. Portanto, o desenvolvimento histórico das sociedades humanas mais complexas tão-somente ilustra o grau de desenvolvimento pelo qual as sociedades mais simples poderão passar. A partir disso, podemos entender que o abstrato é o momento inicial da análise, ou seja, o mais complexo, que deve chegar ao mais simples (concreto). Deve-se partir das formas mais abstratas (concreto-dado) para as mais concretas (concreto-pensado), ponto de partida e ponto de chegada da análise.

No entanto, como colocamos anteriormente, existe o processo de concreção, no qual se busca descobrir as “múltiplas determinações do fenômeno” (MARX, 2011). Viana (2007b) nos ajuda a distinguir entre duas formas de abstração, a fim de esclarecer que o processo de abstração-concreção em Marx é diferente daquele processo de abstratificação (abstração) realizado pelos economistas políticos da sua época, no qual seria um processo ideológico. No caso do processo de abstratificação dos economistas políticos (ou quaisquer ideólogos burgueses) é realizado o seguinte processo:

Apresenta o concreto-dado como sendo o concreto-real (a aparência em lugar da manifestação da essência), apresenta um aspecto secundário da totalidade como sendo seu aspecto essencial, autonomiza e separa um aspecto da totalidade (cria, tal como os ideólogos alemães, uma ilusão de autonomia de um aspecto da realidade social, tal como a consciência) (VIANA, 2007b, p. 82).

Viana (2007b) denomina tal processo ideológico de metafísico. No caso de Marx, o processo de abstração-concreção não deixa de lado que a realidade é a referência, isto é, que a realidade determina o método e esta é histórica, concreta. Assim, a abstração no método dialético “revela a essência por detrás da aparência e é um momento necessário para se chegar ao concreto-determinado, sendo, também, uma parte dele” (VIANA, 2007b, p. 82).

Outra categoria do método dialético é a determinação fundamental e a determinação. Esta última foi discutida por Viana (2001), ao colocar que

A manifestação concreta da determinação fundamental (essência) produz o concreto (existência) conjuntamente com diversas outras determinações. Dentre as determinações não-fundamentais podemos destacar a determinação formal, a determinação imediata, a determinação conjuntural, a determinação extraordinária (VIANA, 2001, p. 93).

Logo, o fenômeno é constituído pela sua determinação fundamental e por diversas determinações (formal, imediata, conjuntural e extraordinária). A respeito da determinação fundamental, temos uma percepção dela quando Engels em sua carta a Joseph Bloch discute que o elemento “econômico” é, em última instância, a determinação fundamental. “Segundo a concepção materialista da história, o elemento determinante da história é, *em última instância*, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu dissemos outra coisa a não ser isto” (ENGELS, p. 39, 1987).

Assim, em uma linguagem mais adequada, podemos dizer que o objetivo do método dialético é “descobrir as determinações específicas (e dentre elas a determinação fundamental) que fornecem a dinâmica histórica, as quais vão desde o surgimento até a abolição de um determinado modo de produção e sociedade” (VIANA, 2007b, p. 96). Portanto, temos aqui que a determinação fundamental deve ser encontrada no processo de análise de um determinado fenômeno, como também as outras determinações.

Logo mais, Engels também acrescenta que o “econômico” não é o único elemento, ou que o marxismo seria um “determinismo econômico”. Para ele,

A situação econômica é a base, mas os diversos elementos da superestrutura – as formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, as constituições estabelecidas uma vez ganha a batalha pela classe vitoriosa; as formas jurídicas e mesmo os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos participantes, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as concepções religiosas e seu desenvolvimento ulterior em sistemas dogmáticos – exercem igualmente sua ação sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam de maneira preponderante sua *forma* (ENGELS, p. 39, 1987).

Observamos nessa passagem que Engels retoma a teoria da sociedade em Marx, na qual o conjunto da sociedade é o modo de produção que determina as formas sociais (políticas, jurídicas, filosóficas etc.). Nesse aspecto, aparece outra categoria fundamental no método dialético que é a totalidade. Segundo Viana (2007a), a totalidade é a sociedade, determinada fundamentalmente pelo modo de produção dominante. Ela é composta por partes que constituem a sociedade, como o modo de produção dominante, modos de produção subordinados e as formas de regularização das relações sociais. Por sua vez, essas partes ainda podem ser subdivididas em outras partes. Temos assim que a totalidade é a ligação entre essas partes.

Dessa maneira, não é possível analisar a sociedade sem nos remetermos à totalidade, além das suas outras partes que a constituem. Acrescenta Lukács (2012) que a totalidade é o que permite o conhecimento da realidade, como momento em que todos os diferentes fatos da vida social são integrados, enquanto elementos do desenvolvimento histórico. Por isso, Engels coloca que não é possível separar a “situação econômica” da sua “superestrutura” no curso das “lutas históricas”. Além disso, a totalidade é histórica, possui uma historicidade. Quando discutimos que os conceitos expressam a realidade, bem como são transitórios e históricos, utilizamos a categoria da historicidade que é outro aspecto do método dialético.

Na carta de Marx a Annenkov (2009), ele aponta que as “categorias econômicas” utilizadas pelos economistas burgueses são vistas como “leis eternas”, ao invés de serem “leis históricas, válidas exclusivamente para certo desenvolvimento histórico, desenvolvimento determinado pelas forças produtivas” (MARX, 2009, p. 250). Dessa forma, a análise que Marx realiza da sociedade burguesa é através da sua historicidade. Todas as relações que ela expressa, como a divisão social do trabalho ou o dinheiro, por exemplo, podem ser transformadas, ou não existem em sociedades anteriores, como as sociedades sem classe, e por isso certos conceitos expressam tão-somente uma forma determinada de sociedade. A historicidade, portanto, é um aspecto revolucionário da dialética marxista, pois permite visualizar a transformação da sociedade atual.

Além disso, em conjunto com a historicidade, temos a história. Marx também escreve nessa mesma carta o que ele entende por história:

É supérfluo acrescentar que os homens não são livres para escolher as suas forças produtivas – base de toda a sua história -, pois toda força produtiva é uma força adquirida, produto de uma atividade anterior. Portanto, as forças produtivas são o resultado da energia prática dos homens, mas essa mesma energia é circunscrita pelas condições em que os homens se acham colocados,

pelas forças produtivas já adquiridas, pela forma social anterior. O simples fato de cada geração posterior deparar-se com forças produtivas adquiridas pelas gerações precedentes, que lhes servem de matéria-prima para novas produções, cria na história dos homens uma conexão, cria uma história da humanidade, que é tanto mais a história da humanidade quanto mais as forças produtivas dos homens, e, por conseguinte, as suas relações sociais, adquiriam maior desenvolvimento (MARX, 2009, p. 245).

Fica claro que a história humana é sempre a história das gerações precedentes que interferem nas gerações atuais. Ela não é a simples vontade ou escolha livre dos indivíduos. Todas as forças produtivas, relações de produção etc., acumulados durante as sociedades anteriores influenciam as relações sociais que serão desenvolvidas posteriormente. Portanto, a história humana expressa toda a produção humana que foi desenvolvida no conjunto de suas relações sociais, desde a sua origem até a sua existência mais atual.

Por fim, podemos dizer que destacamos algumas das categorias importantes que estão presentes no método dialético, tais como abstração/abstrato, concreção/concreto, determinação/determinação fundamental, totalidade, história/historicidade. Ainda há outras categorias como a contradição, forma, conteúdo, entre outras, que não foram aprofundadas nesse tópico e merecem estudos aprofundados que possam desenvolver além do que Marx elaborou em vida.

Considerações finais

A nossa discussão sobre o método dialético foi desenvolvida a partir dos elementos que lhe acompanham, tais como: materialismo histórico e a perspectiva do proletariado. Ainda restam outros aspectos como a teoria da revolução (comunismo), a aplicação do método na teoria do modo de produção capitalista etc., bem como desenvolver com maior aprofundamento outras categorias da dialética, uma discussão que poucos autores ainda se atreveram a fazer. Portanto, dentro do tema por nós delimitado, buscamos tão-somente retomar alguns aspectos que estão vinculados com uma coerência teórico-metodológica e a perspectiva revolucionária de Marx. Ao esclarecer tais conceitos, em consonância com tal perspectiva, a dialética se torna revolucionária. E para nós, ou a dialética é revolucionária, ou não é nada. Portanto, a utilização do método deve sempre acompanhar a práxis do movimento revolucionário do proletariado e assim contribuir com a emancipação humana.

Referências Bibliográficas

BRAGA, Lisandro. *A Concepção Materialista da História*. Revista Enfrentamento. Goiânia: ano 7, n. 11, jan./jul. 2012.

ENGELS, Friedrich. *Carta a Joseph Bloch*. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Cartas Filosóficas e o Manifesto Comunista de 1848*. São Paulo: Moraes, 1987.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe: estudos sobre a Dialética Marxista*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MAIA, Lucas. *O Materialismo Histórico-Dialético*. Revista Marxismo e Autogestão Ano 02, num. 03, jan./jun. 2015.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Cartas Filosóficas e o Manifesto Comunista de 1848*. São Paulo: Moraes, 1987.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 9ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MARX, Karl. *Carta de Marx a P. V. Annenkov*. In: MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução*. In: MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 3ª edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 3ª edição. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Miséria da Filosofia*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política*. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaios sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007a.

_____. *A Essência do Marxismo*. Revista Marxismo e Autogestão. Ano 01, Num. 02, jul./dez. 2014.

_____. *A Questão da Causalidade nas Ciências Sociais*. Goiânia: Edições Germinal, 2001.

_____. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Editora Alternativa, 2007b.

_____. *Karl Marx – A Crítica Desapiedada do Existente*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.